

REFLEXOS DA VIOLÊNCIA FAMILIAR NA ESCOLA

Ariela Mainardi¹

Gregório Grisa²

RESUMO

Este trabalho visa analisar quais os efeitos da violência familiar no desenvolvimento da criança e do adolescente e quais os tipos de violência através de dados e pesquisas. Foi realizado um questionário com uma assistente social e duas professoras de uma escola pública do município, possibilitando entender as implicações que ocorrem no desenvolvimento escolar das crianças/adolescentes que sofrem violência familiar. As crianças e adolescentes que sofrem com a violência familiar apresentam dificuldades de socialização, aprendizagem, baixo desempenho e possuem comportamentos agressivos no ambiente escolar. Esses jovens sofrem vários tipos de violência, como a psicológica, física, sexual e a negligência; os agressores variam, sendo da própria família como, tios, primos e até os próprios pais. Portanto, a violência familiar tem direta influência na vida escolar destes jovens, impactando em seu rendimento escolar, podendo levar a ter traumas na vida adulta devido às agressões sofridas.

Palavras-chaves: Aprendizagem, violência, família, escola, comportamento.

¹ Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. Licenciatura em Pedagogia (arelamainardi@hotmail.com).

² Professor orientador - Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves (gregorio.grisa@bento.ifrs.edu.br).

1.Introdução

A história da infância é um pesadelo do qual recentemente começamos a despertar. Quanto mais atrás regressamos na História, mais reduzido o nível de cuidados com as crianças, maior a probabilidade de que houvessem sido assassinadas, aterrorizadas e abusadas sexualmente.

Mause (*apud* FALEIROS,2008, p.16)

No estágio supervisionado que realizei nos anos iniciais do ensino fundamental, observei que havia duas crianças que eram muito agressivas, dispersas e que haviam dificuldades de se relacionar, então conversando com a professora titular a fim de saber o porquê destas atitudes, ela me relatou que estas crianças viviam situação de violência familiar em suas casas. Elas tinham mais dificuldades que os demais alunos de aprender e se socializar, pois reproduziam o que viviam em suas casas, chegando a agredir colegas em alguns casos. Esta experiência me fez refletir sobre os efeitos da violência familiar no processo de desenvolvimento da criança.

Neste artigo trato, portanto, do impacto da violência familiar no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Analiso quais os tipos de violência e os efeitos da violência doméstica no desenvolvimento da criança e do adolescente. O objetivo geral do trabalho é explicar as consequências da violência familiar na vida escolar dos mesmos. Além disso, pretendo identificar os tipos de violência existentes.

O artigo conta com uma revisão bibliográfica, busca de dados secundários, análise dos dados coletados e a conclusão. A revisão bibliográfica teve como base alguns autores como, Lucilena Vagostello (2003), Vivian Day (2003), Vicente de Paula Faleiros (2008), Ana Carina Pereira (2010), dentre outros. Foram selecionados 11 artigos e um livro disponível na biblioteca do IFRS Campus Bento Gonçalves que abordam a temática da violência familiar e como isso afeta o desenvolvimento da criança/adolescente.

2. Aportes teóricos

A segunda parte deste trabalho tem como objetivo caracterizar o contexto em que esta pesquisa se insere e dialogar com alguns autores acerca do tema escolhido.

2.1 A violência familiar e a influência no desenvolvimento das crianças e adolescentes

Ao longo da história as crianças e adolescentes sofreram maus tratos e agressões. Buscando solucionar esses impasses, foram-se criando leis para que esses sujeitos fossem protegidos. De acordo com Faleiros (2008, p 16):

Essa proteção está expressa no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) de 1990, em seu artigo 5º, que reflete a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança de 1989: "Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais".

Faleiros analisa todo o processo histórico de violência contra crianças e adolescentes, até o século XX em que avançamos para um paradigma de proteção integral. O autor destaca as leis que defendem os direitos da população infanto-juvenil e que servem para diminuir a incidência de casos de violência.

A violência contra crianças e adolescentes é praticada de várias formas: física, psicológica e sexual (FALEIROS, 2008). Existe, ainda, a violência familiar. Local onde

a própria casa é espaço de violência, de autoritarismo, preconceitos, machismos e conflitos. Muitas das agressões são justificadas pelos pais como medidas educativas e tudo isso prejudica o desenvolvimento da criança na escola.

No Sistema de Informação de Agravos de Notificação, do Ministério da Saúde (SINAN/MS), no ano de 2011 foram registrados 39.281 atendimentos na faixa de < 1 a 19 anos idade, o que representam 40% do total de 98.115 atendimentos computados pelo sistema no ano de 2011. Verifica-se que em todas as faixas etárias há uma incidência maior no atendimento por violências do sexo feminino. Diferenças leves nos anos iniciais e são agravadas quando chega à adolescência. Waiselsz (2012 *apud* BRASIL,2018, p.29)

As autoras Clarissa De Antoni e Silvia Helena Koller (2004), definem os tipos de violência como: violência física, violência sexual, violência psicológica e a negligência. Para elas, a violência intrafamiliar abrange todas as formas de violência. Como uma das causas da violência física sofrida no ambiente familiar, a criança pode ter mais chances de se envolver com o uso de drogas, entrar no mundo do crime e se tornar uma pessoa violenta.

Ristum (2010) destaca que, quanto ao aspecto acadêmico a maioria das crianças ou adolescentes que sofrem com a violência possuem dificuldades na aprendizagem, baixo rendimento e também são dispersos. Quanto ao aspecto disciplinar, eles têm comportamentos agressivos, são desobedientes, possuem dificuldades para se relacionar e tendem a ser agitados ou se isolar. Para crianças mais novas, com idade em torno de nove anos, a escola é considerada como o ambiente familiar; em que a professora passa a ser a autoridade, semelhante aos pais, aderindo às mesmas práticas deles.

De acordo com Day et al (2003) cada tipo de violência tem manifestações diferentes, como, por exemplo, a manifestação da violência física a qual deixa marcas no corpo: hematomas, queimaduras dentre outras. Existe também a *Shaken Baby*

Syndrome, que ocorre quando um bebê é sacudido fortemente, podendo levar a cegueira, convulsões, lesões na espinha, lesões cerebrais, atraso no desenvolvimento ou até a morte.

Já, a manifestação da violência sexual é notada quando a criança/adolescente se masturba compulsivamente, tem ansiedade, toma banhos frequentes, tem sentimento de tristeza, medo e rejeição, entre outros. A longo prazo, na vida adulta, a violência sexual pode levar ao abuso de álcool e drogas, baixa autoestima, distúrbios psiquiátricos, problemas menstruais. (DAY et al, 2003)

A manifestação da violência psicológica tem danos imediatos como ter quadros de ansiedade e depressivos, se isolar, ter muitos pesadelos, raiva, vergonha e medo são alguns sintomas. Em longo prazo, a vítima pode apresentar dificuldades para resolver problemas pessoais, ter pensamentos suicidas, fobias, níveis intensos de ansiedade e depressão. Além das formas supracitadas, pode ocorrer ainda a negligência. Essa se manifesta quando se deixa a criança sozinha em casa ou fora da escola, sem alimentação adequada, falta de proteção contra perigos e atraso nas vacinas. (DAY et al, 2003)

A figura abaixo mostra o índice de violência contra menores no Brasil, no ano de 2016 e 2017.

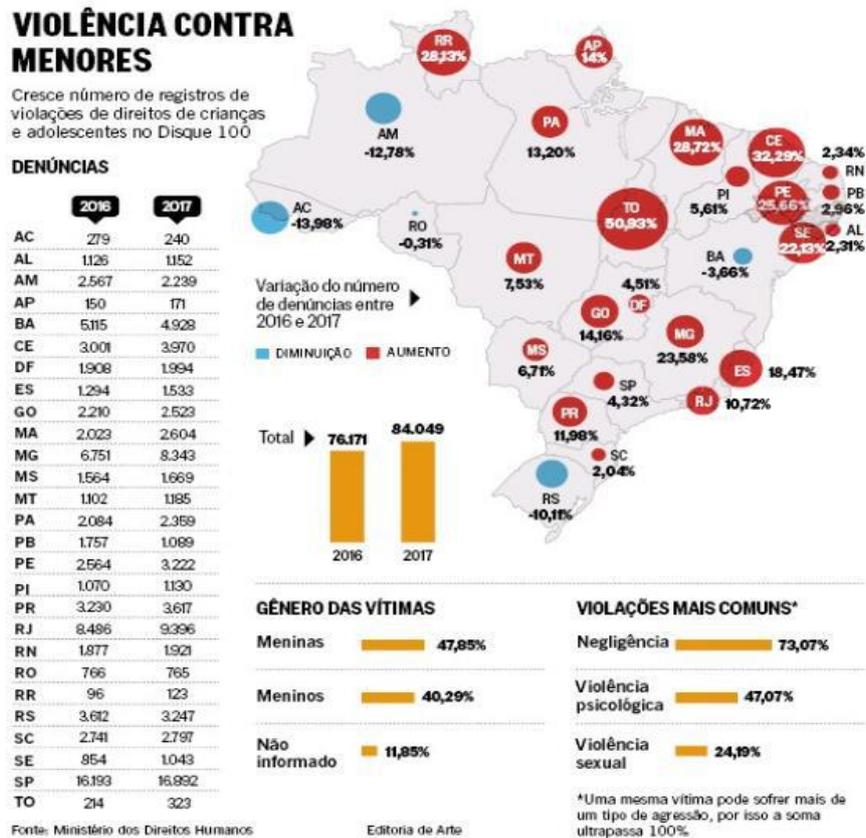


Figura 1 Porcentagem de violência contra menores.

Fonte: Ministério dos Direitos Humanos, 2018

Segundo o SINAN/MS, a violência física tem 40,5% do total de atendimentos de crianças e adolescentes, principalmente entre 15 a 19 anos de idade, representando 59,6% do total de atendimentos realizados nessa faixa etária. Na faixa de 5 a 14 anos de idade, 20% dos atendimentos foram causados pela violência sexual; pela violência psicológica 17% e por abandono ou negligência 16% dos casos. (BRASIL, 2018)

2.2 Importância das práticas educativas parentais no desenvolvimento da criança e do adolescente.

As famílias das crianças e dos adolescentes são responsáveis pela

socialização delas e deles. Os responsáveis devem oferecer um ambiente seguro e incentivador, para que tenham um bom desenvolvimento. É a família quem possui a função de passar segurança, proteção e afeto, mas sabemos que nem sempre é isso que acontece.

Hoffman(1960) estudou sobre as práticas educativas parentais que destaca a figura dos pais com um poder concentrado. O autor mostra duas maneiras diferentes de modificar o comportamento dos filhos, sendo uma delas o método de disciplina indutiva que tem como base a explicação para alterar de forma voluntária o comportamento da criança. Os pais falam para seu filho sobre o descontentamento de suas atitudes e solicitam uma melhora e o incentivam a obedecer por meio do direcionamento da sua atenção para possíveis resultados de seu comportamento.

A segunda forma possível para Hoffman(1960) é caracterizada como disciplina coercitiva, que utiliza a repressão. Esse método consiste na utilização da força pelos pais, punição física, retirada de privilégios e ameaças. A disciplina coercitiva é um método que valoriza a força parental, o controle do filho é feito a partir do uso direto da força, ameaças e sanções externas aplicadas pelos pais (PATIAS et al 1960 *apud* HOFFMAN, 2012).

Tais práticas coercitivas que os pais utilizam podem levar a traumas, comprometendo o desenvolvimento saudável. A criança/adolescente pode se tornar um adulto antissocial, violento, depressivo e desenvolver ansiedade. A escola também tem um importante papel no desenvolvimento da criança/adolescente. Ela deve oferecer um ambiente confortável e seguro para que se desenvolvam cognitivamente e socialmente.

2.3 A violência escolar e as propostas de programas de prevenção

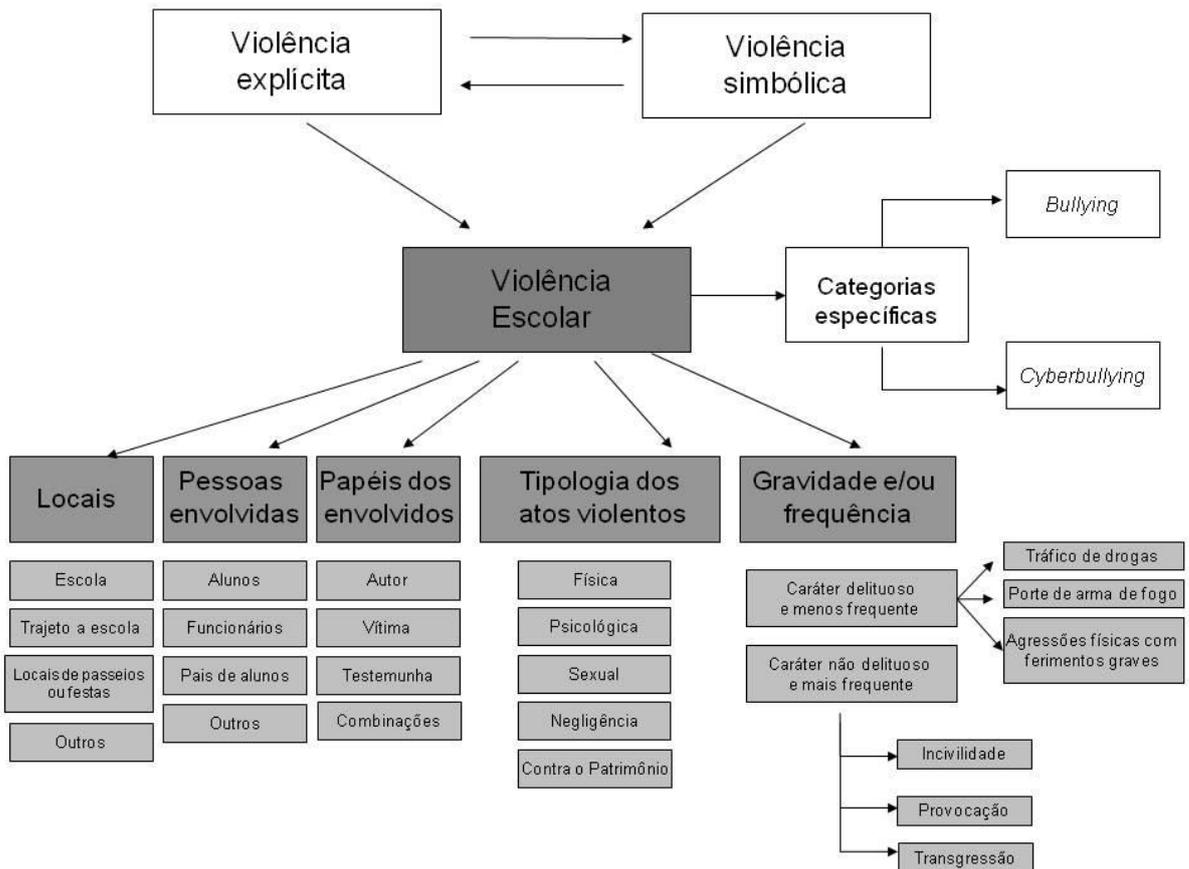


Figura 2 Mapa conceitual sobre a violência escolar.

Fonte: Stelko-Pereira, Ana Carina; Cavalcanti de Albuquerque Williams, Lúcia, 2010.

O mapa conceitual acima mostra que a violência escolar pode ocorrer em diferentes locais, além da escola, como, por exemplo, no trajeto para a escola, passeios e festa entre outros. O ato de violência pode ter caráter delituoso (arma de fogo e agressões com ferimentos graves), o que ocorre com menos frequência, e o não delituoso, mais frequente, caracterizado por provocação e violação. As pessoas envolvidas podem ser muitas e cada envolvido tem o seu papel, podendo ser a vítima, testemunha ou autor. O mapa ainda elenca os tipos de violência existentes, que são explicados no decorrer do artigo.

A violência escolar pode ocorrer por diversos fatores como, sexo e o ambiente familiar. Quando se refere à escola pode ocorrer pela localização, recursos disponíveis, método de ensino e também os aspectos sociais em que a escola está inserida como, desigualdade socioeconômica, de gênero e etnia, se é democrática ou não (PEREIRA, WILLIAMS, 2010).

Em estudos que analisaram as características dos familiares dos agressores, identificou-se três fatores relacionados com as normas de socialização parental. O primeiro fator diz respeito a mãe com pouca demonstração de afeto ao filho, o que pode gerar uma relação negativa. Outro fator é uma frequência de comportamentos agressivos em casa, acompanhados com incentivos, geralmente vindos do pai, para que o filho use a força como resolução dos seus problemas. Há, ainda, a situação da criança é repreendida com métodos agressivos, como castigos físicos e emocionais (DE PAULA E SILVA; SALLES, 1998, 2002 *apud* MELO, REVILLA CASTRO, 2010).

As autoras mostram algumas propostas e programas de prevenção de violência nas escolas, como o Programa Ética e Cidadania. Nesse caso, a questão da violência é abordada em um dos módulos. O intuito do módulo é promover ações e estratégias que mantenham o comportamento em níveis aceitáveis e enfatiza a resolução dos problemas pelo diálogo.

3. Dados e pesquisas relacionadas à violência contra a criança/adolescente.

Dados levantados por Lucilena Vagostello junto à Vara de Infância e Juventude da região leste do município de São Paulo e o Conselho Tutelar, mostra que a escola faz poucas denúncias comparado a outros locais, como hospitais, parentes das

vítimas e vizinhos (VAGOSTELLO et al, 2003). A pesquisa foi realizada em um local considerado violento e com problemas sociais como a pobreza.

Participaram deste estudo, dez escolas públicas estaduais da região leste do município de São Paulo, com oitenta professores de 1^a a 4^a série do ensino fundamental e dez diretores. Em cada uma das escolas foram distribuídos questionários relacionados desde a definição de violência doméstica até as consequências da violência no ambiente escolar. Foi percebido por 94,9 % dos professores que o desempenho escolar dessas crianças e adolescentes que sofriam violência doméstica era baixo. Eram crianças agressivas e com falta de concentração. De maneira geral, os professores reconhecem a violência doméstica. Apenas uma pequena parcela demonstrou não perceber. Logo, os profissionais não foram capazes de notar os comportamentos diferentes dessas vítimas e alguns preferem omitir as informações para não causar desconforto. (VAGOSTELLO et al, 2003)

Em algumas escolas na cidade de Catanduva-SP, dez diretoras e dezoito professoras que tinham na sala de aula crianças vítimas de violência familiar, participaram de um estudo; nove das professoras trabalhavam em escolas municipais e as outras nove em escolas estaduais. Já, seis das diretoras trabalhavam em rede estadual e quatro em rede municipal.

Para a realização do estudo foi feita uma entrevista semiestruturada, perguntando para os participantes, como era o desenvolvimento escolar da vítima, como as participantes identificam casos de violência familiar na escola. Os pesquisadores relataram que 21 deles (75%) tinham conhecimento de casos de alunos vítimas de violência familiar na sala de aula ou na escola e 25% não (WILLIAMS, PEREIRA, 2008).

As participantes identificaram os casos de violência familiar na sala de aula por meio da criança, 75,68% das professoras relatou que a própria criança mostra a

ocorrência da violência, por meio da verbalização (48,65%); comportamento (8,11%); marcas no corpo (18,92%); observando a criança sendo agredida pela mãe na porta da escola (2,70%).

Sobre o desempenho escolar das vítimas de violência familiar, a grande maioria das professoras responderam que ele fica prejudicado, equivalente a 91% das respostas. Dentre as professoras, 44,12% relataram que o desenvolvimento escolar é prejudicado; 46,88% apontam outros fatores como, falta de interesse, família desinteressada.

Segundo a OMS-Organização Mundial da Saúde (2002), na maioria dos países as meninas apresentam maior risco de abuso sexual, negligência nutricional e física, infanticídio e a prostituição forçada do que os meninos; estes apresentam maior risco de sofrer castigos físicos mais graves. A violência familiar contra crianças e adolescentes ocorre em todo o Mundo, a pobreza aumenta a possibilidade de ocorrer a violência e a incidência de doença mental. Aumenta 60 vezes o risco de morte por abuso ou negligência, 22 vezes o risco de maus tratos e 56 vezes o de negligência educacional (DAY et al, 2003).

Em 2010, através do Ministério da Saúde, foi criado um importante documento chamado de “Linha de Cuidado para a Atenção Integral à Saúde de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violência: orientação para gestores e profissionais de saúde”. Este documento serve para organizar a atenção às crianças, adolescentes e suas famílias que sofrem com a violência, orientando-os sobre as dimensões que são, Proteção Social, Notificação e Seguimento na Rede de Cuidado, Atendimento, Acolhimento (Ministério da Saúde, 2018).

Uma pesquisa realizada nos anos de 2011 a 2017 pela Secretaria de Vigilância em Saúde, revelou as características sociodemográficas de crianças vítimas de violência sexual:74,2% eram do sexo feminino e 25,8% eram do sexo masculino. 45,5%

eram negros, 51,2% tinham entre 1 e 5 anos e 3,3% possuíam alguma deficiência ou transtorno. Os maiores casos se encontram nas regiões Sudeste (40,4%), Sul (1,7%) e Norte (15,7%). (Ministério da Saúde, 2018)

TABELA 2 Características da violência sexual contra crianças notificada no Sinan, segundo sexo, Brasil, 2011-2017

Características	Criança (n=58.037) ^a					
	Total		Feminino (n=43.034)		Masculino (n=14.996)	
	n	%	n	%	n	%
Ocorreu outras vezes						
Sim	19.542	33,7	14.562	33,8	4.980	33,2
Não	17.881	30,8	13.111	30,5	4.770	31,8
Ignorado	20.607	35,5	15.361	35,7	5.246	35,0
Local de ocorrência						
Residência	40.154	69,2	30.649	71,2	9.505	63,4
Habitação coletiva	475	0,8	303	0,7	172	1,1
Escola	2.656	4,6	1.588	3,7	1.068	7,1
Local de prática esportiva	185	0,3	89	0,2	96	0,6
Bar ou similar	141	0,2	92	0,2	49	0,3
Via pública	1.809	3,1	1.159	2,7	650	4,3
Comércio/serviços	234	0,4	178	0,4	56	0,4
Indústrias/construção	113	0,2	63	0,1	50	0,3
Outros	4.839	8,3	3.311	7,7	1.528	10,2
Ignorado	7.424	12,8	5.602	13,0	1.822	12,1
Tipo de violência sexual^b						
Assédio sexual	15.693	24,9	11.973	25,8	3.720	22,6
Estupro	39.000	62,0	28.380	61,0	10.620	64,6
Pornografia infantil	2.048	3,3	1.461	3,1	587	3,6
Exploração sexual	1.836	2,9	1.362	2,9	474	2,9
Outros	4.352	6,9	3.321	7,1	1.031	6,3

a. Foram identificadas sete crianças com sexo ignorado.

b. Variável com possibilidade de múltipla escolha. No total, foram identificadas 62.929 respostas, sendo 46.497 para o sexo feminino e 16.432 para o sexo masculino.

Fonte: Sinan/Ministério da Saúde. As bases de 2015 e 2016 podem sofrer alterações. A base de 2017 foi extraída em janeiro de 2018.

Figura 4 Tabela sobre as características da violência sexual contra crianças, segundo sexo, número de ocorrências, local de ocorrência, tipo de violência sexual.

Fonte: Sinan/Ministério da Saúde, 2018

Conforme pode se observar na tabela acima, a avaliação das características da violência sexual contra crianças revelou que 33,7% dos eventos tiveram caráter repetitivo, 62,0% foram notificados como estupro, 69,2% ocorreram na residência e

4,6% ocorreram na escola. Também revelou que 74,7% das notificações houve envolvimento de um autor, 81,6%, o agressor era do sexo masculino e 37,0% eram familiares da vítima. (Ministério da Saúde, 2018).

As normativas que se destacam na defesa das crianças e adolescentes que sofrem com a violência são, Proteção e Recuperação da Saúde, Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) (Ministério da Saúde, 2018).

Para fins de exemplo de ações que podem ser realizadas pelo poder público, comentário sobre três projetos cuja intenção foi identificar crianças/adolescentes vítimas de violência e maneiras de abordar o tema de forma a proporcionar às vítimas apoio e proteção.

Um deles foi o Projeto “Escola que Protege”, implantado pela SECAD/MEC no município de Natal. Nesse projeto foi realizado um curso com professores com o intuito de que saibam identificar quando a criança/adolescente está sofrendo com a violência e como abordar, identificar e encaminhar as vítimas. O curso foi realizado presencialmente entre setembro e dezembro de 2006 e na modalidade a distância, com sessões de teleconferência, kits didáticos, com tutores e monitores qualificados no assunto pela UFSC. Atualmente este projeto se encontra descontinuado. (FRANCISCHINI, Rosângela; NETO, Manoel Onofre de Souza, 2007, p.11)

No município de Guarapuava-PR também ocorreu o Projeto de Extensão “Prevenção da violência contra crianças e adolescentes”. Esse, com o intuito de trabalhar a problemática da violência voltada a meninos e meninas com profissionais que atuam junto à área da criança e do adolescente, assim como com pais/responsáveis e as próprias crianças e adolescentes. No Colégio Estadual Dulce Maschio foram abordados 180 alunos entre nove e doze anos de idade onde foram desenvolvidas dinâmicas para divulgação dos direitos das crianças e dos

adolescentes, através de meios de comunicação, televisivo e escrito. Já na Universidade Estadual do Centro Oeste, a equipe divulgou informações por meio de panfletos, amostragem de vídeos que abordavam sobre o tema e divulgavam os canais de denúncia. (SONEGO, Cristiane; KOLODY, Andressa, p.7)

Aqui na cidade de Bento Gonçalves existe o PIM¹ (Primeira Infância Melhor) desde 7 de abril de 2003, através da Secretaria de Estado da Saúde. Este programa tem o intuito de promover o desenvolvimento da primeira infância, nas dimensões física, psicológica, intelectual e social. O Visitador do PIM orienta os pais/cuidadores na promoção do desenvolvimento das capacidades e potencialidades de seus bebês e de suas crianças, através de atividades lúdicas, reforçando questões de saúde, higiene, coordenação motora, vínculos afetivos e de desenvolvimento da linguagem. (ALMEIDA, Leila et al, 2006).

4. Materiais e métodos utilizados

A metodologia escolhida foi a pesquisa explicativa. Para Gil (2007 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35) “este tipo de pesquisa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.”

Realizei a pesquisa utilizando um questionário. Enviei por e-mail o questionário para uma assistente social e duas professoras buscando entender o porquê que o desenvolvimento escolar das crianças/adolescentes que sofrem violência familiar é afetado. A professora 1 trabalha na escola há mais de quinze anos e é graduada em

¹ PIM- Primeira Infância Melhor. O PIM tem a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança desde a gestação até cinco anos e onze meses de idade, com ênfase na faixa etária de zero a três anos. O PIM é executado pelas Prefeituras Municipais ou organizações não-governamentais por adesão, por meio de termo firmado pelo Secretário do Estado e Prefeito Municipal ou responsável pela organização não-governamental, com o apoio das Coordenadorias Regionais de Saúde (CRS) e Coordenadorias Regionais de Educação (CREs).

Licenciatura em Matemática. A professora 2 trabalha há cinco anos e é graduada em Licenciatura em Pedagogia.

As perguntas realizadas para as professoras foram:

- Dentro desta escola ocorre casos de violência contra a criança/adolescente?
- A escola toma alguma providência quando isto ocorre?
- Quais as providências que a escola toma quando percebe que a criança/adolescente sofre com a violência em casa?
- Qual o comportamento desta criança/adolescente na sala de aula e no ambiente escolar?

As perguntas realizadas para a assistente social foram:

- Quais as medidas tomadas quando a criança sofre violência em casa?
- Quantos casos de violência contra a criança/adolescente ocorre por ano?
- Como é o desenvolvimento destas crianças?
- Como é o comportamento desta criança perante à outras?

5. Análise dos dados coletados

Na sequência deste trabalho trago a análise de dados. Nesta etapa verifica-se a relação dos resultados obtidos entre os aportes teóricos e a experiência de cada entrevistado. Apliquei um questionário com duas professoras de uma escola pública da rede municipal de Bento Gonçalves, a fim de saber se ocorre violência contra a criança/adolescente na escola em que lecionam, de que forma a escola age diante desses conflitos e qual o comportamento apresentado por esses alunos no ambiente escolar. O anonimato das professoras foi mantido no questionário, para que não haja

complicações e para que se sintam mais confortáveis ao expor os fatos, portanto darei o nome de Educadora Professora 1 e Educadora Professora 2.

Educadora Professora 1 trabalha na escola há mais de 15 anos e só sabe de um caso de violência contra a criança/adolescente. Ela relatou que a escola entrou em contato imediatamente com o Conselho Tutelar, mas a aluna adolescente não recebeu o apoio esperado e a escola não obteve retorno sobre o caso. Sobre o comportamento da adolescente, ela era muito agressiva, mas depois do ocorrido, contou para a turma fazendo com que todos se comovessem com a sua história, entendendo um pouco suas atitudes. Apesar de o problema não ser resolvido, com a ajuda da professora e de seus colegas, a adolescente mostrou-se mais feliz e aberta a conversas na escola.

Professora 2 trabalha na escola há cinco anos. Relatou que na escola em que leciona não é muito comum ter casos de violência contra a criança/adolescente, mas que já presenciou um caso. A escola, ao se deparar com a situação, chamou a adolescente para conversar indagando sobre os hematomas em seu rosto, então entraram em contato com a mãe da vítima e orientaram sobre a necessidade de apoio psicológico e possível denúncia aos órgãos competentes.

Professora 2 também relatou que a escola segue um protocolo caso perceba casos de violência, mas este fica a cargo da orientação e direção da escola. Caso o professor desconfie de algo é comunicado a direção, que toma as devidas providências conforme o protocolo comum do município. Essa adolescente a qual a professora relatou, faltou alguns dias de aula e retornou à escola com hematomas no rosto, bem visíveis, mas não quis contar aos colegas o que havia acontecido.

Após alguns dias, ocorreu uma palestra que já estava agendada com a turma sobre violência familiar e contra a mulher. A adolescente solicitou à direção que não gostaria de participar da mesma. Contudo, depois de uma conversa, retornou à sala

já com a palestra em andamento e a assistiu chorando muito. Ao final, quando os palestrantes saíram, ela decidiu contar aos colegas sobre a violência que havia sofrido por parte do pai, que no ato destruiu até mesmo alguns materiais escolares dela. A professora acredita que tenha sido um momento muito importante, pois a partir disso, os colegas passaram a dar o apoio que ela precisava para superar a situação.

Os professores e os diretores podem ficar em dúvida em relação ao que fazer quando notam os sinais de que a criança/adolescente sofre com a violência familiar. A notificação é a atitude mais adequada para acabar com o quadro de violência, que traz riscos à saúde física e mental da criança. Após esta atitude, a criança será direcionada para o CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social)¹ onde poderá contar com orientador social, assistente social, educador social, advogado e psicólogo; essa equipe buscará meios de garantir o acompanhamento e os devidos cuidados.

Também apliquei o questionário com uma assistente social que atende as famílias vulneráveis de Bento Gonçalves. Ela relatou que quando há violação de direitos, os órgãos competentes são comunicados. Realizam a primeira abordagem e as devidas intervenções necessárias. Após, o caso é enviado para o CREAS (Centro de Referência da Assistência Social Especializada), que com sua equipe de profissionais fará as devidas intervenções com os possíveis encaminhamentos e o acompanhamento à família. Às vezes, conforme o caso, é necessário a busca de familiar externo ou cuidador substituto, também são acionadas outras redes de apoio se for necessário. Em relação à quantidade de casos de violência contra a criança/adolescente, não há um dado específico, mas em média um caso de suspeita de violação é atendido por semana pelo Conselho Tutelar.

¹ Creas- Centro de Referência de Assistência Social Especializada. O Creas em Bento Gonçalves atua no Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família, Avaliação e inserção de crianças e adolescentes nos serviços de convivência e acompanhamento às famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família.

Quanto ao perfil econômico e cultural destas famílias, no passado o perfil era de famílias de nível socioeconômico baixo, porém, atualmente, esse perfil é bem diversificado. Constata-se o surgimento de casos também nas famílias cujo nível econômico e cultural é mais elevado. O mesmo ocorre em famílias indígenas.

Para finalizar o questionário, a assistente social relatou que estas crianças que sofrem com a violência apresentam dificuldades em seu desenvolvimento tanto físico como o emocional. Normalmente são retraídos, apresentam dificuldades de relacionamento, têm tendência ao isolamento, devido ao trauma que pode ocorrer principalmente no início que a situação se apresenta. Elas necessitam de apoio da família, amigos, escola e de toda a rede de atendimento do município, exigindo tratamento multidisciplinar para o seu desenvolvimento físico e mental saudável. Dependendo da forma como acontece a situação e como o caso é conduzido poderá refletir positiva ou negativamente em seu desenvolvimento e nas suas relações com a família e o seu meio.

Para de Paula e Silva e Salles (2010), o contexto familiar tem influência na violência no ambiente escolar, assim como os problemas nas relações familiares, seja entre o casal ou entre os pais e seus filhos, separação dos pais, relacionamento familiar com muitos conflitos e pouca habilidade dos pais de lidarem com seus filhos. Os pais que usam disciplinas autoritárias e punitivas contribuem para o comportamento violento destas crianças e fazem com que elas sejam excluídas por seus iguais. O comportamento agressivo inicia dentro de casa, mas este tipo de comportamento se generaliza, surgindo no ambiente escolar, na sala de aula, na relação com os amigos e depois na rua; trata-se de um modelo de transferência da violência: família, escola, rua.

O professor pode notar que a criança muitas vezes vem de um contexto familiar conflituoso e com necessidades afetivas, portanto, mostrar que a escola é um ambiente acolhedor e seguro é muito importante para ela. A função do professor é a de ficar alerta com os comportamentos de seus alunos e, com o devido cuidado, conversar com a própria criança ou com os pais para entender a situação. Quando a

criança ou o adolescente está sofrendo com a violência familiar e a escola percebe isso, ela deve tomar providências, enviando uma notificação aos órgãos responsáveis, para acabar com o quadro de violência.

Uma família que não sabe resolver conflitos e que não se propõe a mudar determinados comportamentos pode vir a se tornar um ambiente violento. A criança que vive neste ambiente pode ter problemas sociais no futuro, pois é na infância que elas absorvem e aprendem as principais características afetivas. Por este motivo, as escolas e as famílias devem conversar e acompanhar estas crianças, para que elas tenham uma boa formação.

5. Considerações Finais

Este trabalho objetivou analisar os efeitos da violência familiar na vida escolar de crianças e adolescentes, bem como descrever os tipos de violência existentes. Constatou-se que a violência familiar com crianças e adolescentes pode acarretar problemas com a socialização e o desempenho escolar, podendo levar a traumas na vida adulta.

Desse modo, a presente pesquisa, com base nos aportes teóricos e entrevistas realizadas, trouxe subsídios para que docentes e escolas tenham a possibilidade de identificar e minimizar os efeitos da violência.

Ao entrar em uma sala de aula com crianças e adolescentes tendo dificuldades de aprendizagem, socialização ou até mesmo agressivos, faz-se necessário que docentes busquem entender o porquê desses comportamentos, que em alguns casos podem estar ligados à violência familiar. No decorrer do artigo foi possível compreender que as crianças/adolescentes que sofrem com a violência em seu ambiente familiar refletem o comportamento agressivo na escola e apresentam dificuldades tanto na socialização quanto na aprendizagem. Essa agressividade no ambiente escolar é verificada na relação do aluno com seus colegas de sala e até mesmo com o educador,

por meio de palavrões e agressão física. Já, em relação à socialização, as vítimas tendem a se isolar ou por conta da agressividade são excluídos pelos demais.

Se tais comportamentos se refletem na escola é importante que e essa encontre caminhos que possibilitem apoio e segurança às crianças/adolescentes atenuando os efeitos da violência. Além disso, providências como conversa com os pais e/ou responsáveis, escuta atenta aos alunos para entender a situação e contato com assistente social e conselho tutelar são meios de evitar violência, contribuindo para a busca de soluções do problema.

As considerações aqui feitas estão distantes de ser “finais”, esse trabalho visa contribuir para o entendimento de que o ambiente familiar afeta as relações e a aprendizagem das crianças /adolescentes. Deixo, então, o convite para que esse tema seja abertamente discutido, por meio de projetos na escola, palestras com profissionais da área da psicologia, dirigidas à família, maior aproximação dos estudantes com assistentes sociais para que se possa reverter esse quadro violência que se apresentou.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leila et al. “Pim” – **Uma política de saúde pública inovadora para a primeira infância no rio grande do sul**. São Paulo: 2006. Disponível em: <<http://www.pim.saude.rs.gov.br/site/pim-uma-politica-de-saude-publica-inovadora-para-a-primeira-infancia-no-rio-grande-do-sul/>>. Acesso em: 21 out 2020

Atualidades XXIII (2018). **Violência Contra Crianças e Adolescentes e Trabalho Infantil**. 2019. Disponível em: <https://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/20129187466921manual_de_trabalhos_academicos.pdf>. Acesso em: 27 out 2019

DAY, Vivian et al. **Violência Doméstica e suas diferentes manifestações. Rio Grande do Sul:2003.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>>. Acesso em 13 set 2019

DE PAULA E SILVA, Joyce; SALLES, Leila. **A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção.** Paraná: 2010. 16. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe2/13.pdf>>. Acesso em: 29 agosto 2019

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes.** 2ª edição. Brasília: Coleção Educação Para Todos, 2008.

FRANCISCHINI, Rosângela; NETO, Manoel Onofre de Souza. **Enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes: projeto escola que protege.** Niterói-RJ: 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100018&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 20 out 2020

KOLLER, Sílvia Helena; DE ANTONI, Clarissa. **A pesquisa ecológica sobre violência no microssistema familiar.** São Paulo: 2010. Acesso em: 11 set 2019

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017.** 2018. Disponível em: <<https://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>>. Acesso em: 19 set 2019

Ministério dos Direitos Humanos. **Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas.** Brasília:2018.Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/conada/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-analise-de-cenarios-e-propostas-de-politicas-publicas.pdf>>. Acesso em 10 set 2019

OLIVEIRA, Flávia et al. **A influência da violência doméstica no desenvolvimento escolar.** Paraná:2015. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21181_10690.pdf>. Acesso em: 12 set 2019

PATIAS, Naiana; SIQUEIRA, Aline; DIAS, Ana. **Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar.** São Paulo:2012.17. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022012000400013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 agosto 2019

PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia. **Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente.** Ribeirão Preto: 2010. Vol.18. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a05.pdf>>. Acesso em: 26 agosto 2019

PEREIRA, Paulo Celso; WILLIAMS, Lúcia. **A concepção de educadores sobre violência doméstica e desempenho escolar.** 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-5572008000100010&script=sci_abstract&tlng=pt

RISTUM, Marilena. **A violência doméstica contra crianças e as implicações da escola.** Ribeirão Preto:2010. 13. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2010000100019&lng=pt&nrm=i>. Acesso em: 25 agosto 2019

SONEGO, Cristiane; KOLODY, Andressa. **Projeto de extensão prevenção da violência contra crianças e adolescentes:** estudos e articulações da rede de atendimento no município de Guarapuava-PR. Guarapuava. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/anais/vii_enppex/PDF/servico-social/05-servico-social.pdf>. Acesso em: 20 out 2020

VAGOSTELLO, Lucilena et al. **Violência doméstica e escola: um estudo em escolas públicas de são paulo**. São Paulo:2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v13n26/08.pdf>>. Acesso em: 10 set 2019